INTERNACIONAL

Rússia. A jornalista Ekaterina Duntsova teve sua candidatura à presidência da Rússia nas eleições de [illegible] rejeitada pela Suprema Corte do país. A jornalista, que se posiciona contrariamente a realização da [illegible] na Ucrânia, prometeu que criará seu próprio partido e considerou que foi injustamente desclassificada.

PREFEITURA MUNIC. DE ITAPIPOCA
Fls.: 171
Comissão Permanente de Licitação

Argentina teve 3 protestos em apenas 16 dias do novo governo

Os manifestantes se reuniram para pressionar a Justiça do país a considerar o megadecreto anunciado por Javier Milei como inconstitucional

Em apenas 16 dias de governo, o recém-empossado presidente argentino, Javier Milei, enfrentou três protestos organizados e dois panelaços espontâneos. A mobilização mais recente ocorreu ontem, 27, no centro de Buenos Aires, quando as centrais sindicais e os movimentos sociais se reuniram para se manifestar contra o megadecreto anunciado pelo presidente que deve flexibilizar o vínculo empregatício e reduzir o poder dos sindicatos. Os manifestantes desejam pressionar a Justiça para que considere as medidas inconstitucionais.

Em nota, a principal central sindical da Argentina, CGT, que é ligada ao peronismo, afirmou que "O Decreto de Necessidade e Urgência (DNU) ditado pelo presidente Javier Milei subverte a ordem constitucional ao pretender legislar, atribuindo-se a soma do poder público e, assim como no seu discurso de posse, dar as costas ao Congresso".

Em meio aos protestos, há ainda especulações sobre a possibilidade que os 62 sindicatos da CGT definam um "plano de luta", o que poderia incluir uma paralisação geral. Caso isso acontecesse, seria a primeira greve de tais dimensões desde maio de 2019. Nesta quinta-feira, 28, o Comitê Central Confederal, órgão máximo executivo da CGT, vai se reunir para debater o assunto. Para Milei, a grande quantidade de protestos enfrentados em seus poucos dias de governo significa que os opositores "não aceitam que perderam e que a população escolheu um governo com outras ideias".

O novo presidente também acusou os legisladores de defenderem o debate parlamentar para negociarem votos em troca de subornos e alertou que, caso o decreto venha a ser anulado, será realizado um plebiscito popular. "Há legisladores que procuram subornos. Vendem os seus votos. Os que gostam tanto de um debate é porque procuram propina. Com o mecanismo de um decreto, alguns não podem 'morder' e isso é o que mais lhes incomoda", declarou. "Se rejeitarem o decreto, convocaria um plebiscito e que me expliquem por que o Congresso fica contra as pessoas", prometeu.

A medida polêmica está prevista para entrar em vigor na próxima sexta-feira, 29. Anteriormente, Javier Milei já havia comentado sobre outras manifestações que ocorreram no país e afirmou que as pessoas envolvidas sofriam de "Síndrome de Estocolmo", uma vez que estariam "apaixonadas pelo modelo que as empobrece".

A decisão do governo revogou mais de 300 normas e definiu "emergência pública em matéria econômica, financeira, fiscal, administrativa, previdenciária, tarifária, sanitária e social até 31 de dezembro de 2025". No texto, também constam determinações sobre a desregulamentação do mercado de aluguéis e o fim de restrições à exportações e de políticas de controle de preços.

O chefe do Executivo acredita que o pacote deve ser implementado como uma ferramenta para "melhorar a macroeconomia" argentina, sendo necessário lembrar que o país está enfrentando uma grave crise econômica, que levou a inflação a alcançar os 142,7% nos últimos 12 meses e a pobreza passou a atingir mais de 40% da população. O combate a esse problema é um dos principais desafios a serem enfrentados por Milei em seu mandato e o presidente já havia alertado que seria necessário um forte ajuste fiscal. "É um pacote de estabilização, em que muitas coisas não são simpáticas, são para resolver a inflação", explicou.

FOTO RT REPRODUÇÃO INSTAGRAM DO PRESIDENTE JAVIER MILEI

Caso o decreto seja anulado pelo Congresso, Milei prometeu realizar um plebiscito popular

"Não há nenhuma diferença entre Netanyahu e Hitler", diz Erdogan

O presidente da Turquia, Recep Tayyip Erdogan, declarou nesta quarta-feira, 27, não enxergar nenhuma diferença entre Adolf Hitler, líder do Partido Nazista e figura central do Holocausto, e o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu. De acordo com ele, Netanyahu é, inclusive, "mais rico que Hitler" e "obtém todo o tipo de apoio dos países ocidentais e dos Estados Unidos".

O Holocausto aconteceu durante a Segunda Guerra Mundial e resultou na morte de cerca de seis milhões de judeus, sendo considerado o maior genocídio do século passado. "Eles costumavam falar mal de Hitler. Que diferença você tem de Hitler? Eles vão nos fazer sentir falta de Hitler. O que esse Netanyahu está fazendo é menos do que o que Hitler fez?", questionou Erdogan.

As críticas do representante turco à Israel estão relacionadas com a catástrofe causada em Gaza desde que o grupo radical islâmico Hamas perpetrou um ataque no dia 7 de outubro e desencadeou uma escalada de violência sem precedentes na região com a resposta advinda dos israelenses. Com o ataque, o Hamas tirou a vida de 1.140 pessoas e tomou como reféns outras aproximadamente 250. As ofensivas de Israel, por suas vezes, já resultaram na morte de mais de 21 mil palestinos, muitos deles sendo mulheres e crianças, conforme as informações divulgadas pelo Ministério da Saúde do Hamas.

Erdogan classificou Israel como um "Estado terrorista" e chamou Netanyahu de "açougueiro de Gaza". Para ele, o Hamas, que governa o território que é palco dos conflitos, deve ser visto como um "grupo de libertação". A Turquia é uma das nações integrantes da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) e defende uma solução de dois Estados para que haja o fim do conflito entre Israel e Palestina.

Netanyahu não demorou a responder as acusações e afirmou que o presidente turco "comete genocídio contra os curdos e ostenta o recorde mundial de prisões de jornalistas que se opõem ao seu regime". "É a última pessoa que pode nos dar lições de moral", pontuou. O primeiro-ministro ressaltou que seu país está lutando para "eliminar a organização terrorista mais abominável e brutal do mundo", responsável por "crimes contra a humanidade".